

Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais

José Ishac Brandrão El Khouri (UFT)
André Nogueira Xavier (UFPR)
Bruno Gonçalves Carneiro (UFT)
Carlos Roberto Ludwig (UFT)

Lucinda Ferreira de Brito iniciou, na década de 1980, os primeiros estudos descritivos sobre a língua de sinais utilizada nos centros urbanos do Brasil, ou seja, a língua brasileira de sinais, Libras. Seu trabalho culminou na publicação, em 1995, da primeira obra oriunda de estudos linguísticos sobre essa língua: *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*.

Após esse período inaugural, várias pesquisas se debruçaram sobre a descrição da Libras, contribuindo para um avanço na nossa compreensão sobre seus sistemas fonético, fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico, pragmático e discursivo. Essas pesquisas foram impulsionadas com as conquistas legais e com a implementação de políticas públicas envolvendo a comunidade surda brasileira.

Diante disso, o dossiê *Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais* e a seção livre *Língua Brasileira de Sinais* objetivam dar visibilidade às reflexões e aos resultados de pesquisas sobre a Libras, a partir de diferentes perspectivas disciplinares.

Este número se destaca pelo protagonismo de José Ishac Brandrão El Khouri, docente surdo do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins, que encabeçou a elaboração tanto do dossiê quanto da seção livre. Ele também se destaca por reunir publicações de pesquisadores surdos de diferentes partes do país. A atuação de pesquisadores surdos na pesquisa sobre as línguas de sinais possibilita que epistemologias surdas se desenvolvam na academia, proporcionando novas leituras, análises e interpretações não apenas acerca dessas línguas, mas também acerca de outros domínios do saber como a educação bilíngue, o ensino de libras como L1 e L2, a tradução e a interpretação, literatura surda, entre outros.

No dossiê *Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais*, reunimos trabalhos que versam especificamente sobre aspectos linguísticos da Libras. Entre eles, estão as seguintes contribuições.

Charley Pereira Soares, Eduardo Andrade Gomes e Gabriel Franca do Couto apresentam um estudo sobre a modalidade deôntica na Libras, considerando a obrigatoriedade, permissividade e proibição. Os autores se basearam em produções de um Surdo de Referência, que integram o Corpus da Libras. A partir da transcrição dos dados em forma de glosas, eles identificaram trinta e quatro modalizadores deônticos, dentre os quais vinte e quatro são de obrigatoriedade, seis são de permissão e quatro de proibição.

Daltro Roque Carvalho da Silva Junior e Marianne Rossi Stumpf desenvolvem uma pesquisa sobre as metáforas em Língua Brasileira de Sinais numa perspectiva semântica, pragmática e lexical. Foram discutidas metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas, concentrando-se sobretudo nas metáforas orientacionais, cuja análise foi baseada no léxico. Foi utilizado o dicionário de Capovilla (2012) para constituir o corpus de pesquisa. A pesquisa dos autores enfocou conceitos de sentimentos e emoções na Libras. O estudo observou que a Libras também possui características similares às outras línguas orais e de sinais como a ASL.

A pesquisa de Anderson Almeida da Silva apresenta uma proposta de segmentação do espaço. Toma a face como ponto zero, a partir da qual é possível estabelecer as distinções entre o espaço frontal e lateral. Foram analisados discursos em Libras, orações com uso de *role-shift*, coordenação de pronomes e a identificação de pronomes para a análise de dados de percepção e compreensão. Com base nessa análise, o autor propõe que há uma distinção formal entre espaços frontais e laterais e, conseqüentemente, a possibilidade de distinguir pronomes de segunda e terceira pessoa na Libras. Na visão de Anderson Almeida da Silva, localizações no espaço de sinalização funcionariam como um morfema espacial, que se cliticizam a sinais direcionais, como pronomes, para atribuir traços de pessoa.

Considerando a influência que a Língua de Sinais Francesa (LSF) exerceu na constituição da Libras, Janice Gonçalves Temoteo Marques e Antonielle Cantarelli realizaram uma pesquisa em que compararam sinais dessas duas línguas. As autoras se basearam em documentos históricos, bem como em um dicionário online da LSF e outro da Libras e, com isso, observaram que, a despeito de algumas similaridades, as diferenças entre essas línguas do ponto de vista lexical são consideravelmente significativas.

Analú Fernandes de Oliveira e Paulo Jeferson Pilar Araújo pontuam os trabalhos mais significativos que tratam o parâmetro movimento e o parâmetro locação como núcleo de sílaba nas línguas de sinais. A argumentação em favor do desempenho desse papel pelo primeiro parâmetro se baseia em Cunha (2011) e em favor do segundo, em

Aguiar (2013). Os autores ressaltam, no entanto, que tais trabalhos seguem ainda uma linha que visa encontrar nas línguas de sinais correlatos daquilo que é observado nas línguas faladas e sugerem que se as unidades daquelas línguas, tais como a sílaba e seu núcleo, sejam pensadas para elas e por elas mesmas.

Eduardo Felten e Maria José B. Finatto apresentam dados de um estudo-piloto relacionados a padrões da definição terminológica aplicáveis à Libras. Eles se baseiam em pesquisas que tratam a definição da ótica das línguas orais escritas, bem como em modelos de definição terminológica desenvolvidos para a Libras (FELTEN, 2016; NASCIMENTO, 2016; TUXI, 2017; VALE, 2018; D'AZEVEDO, 2019). Em seu artigo, os autores analisam a compreensão e a descrição de quatro definições terminológicas sinalizadas, selecionadas de glossários de Libras de domínios distintos, que exibem estruturas diferentes. Eles ainda tecem algumas considerações relacionadas aos aspectos linguísticos e extralinguísticos que observaram na elaboração das definições e, fundamentados nisso, citam aspectos relevantes para elaboração de definições sinalizadas.

Aline Garcia Rodero-Takahira e Ana Paula Scher descrevem e analisam compostos na Libras que, segundo elas, além de pouco explorados na literatura, abrangem não apenas os realizados sequencialmente com dois ou três sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004; FELIPE, 2006; FIGUEIREDO-SILVA; SELL, 2009). Dado que as línguas de sinais apresentam dois articuladores primários, as mãos, bem como a realização de sinais não-manuais lexicais, as autoras tomam como natural a ocorrência de compostos simultâneos (RODERO-TAKAHIRA, 2010; XAVIER, 2019) e, com base em um conjunto de dados eliciados por figuras, propõem três grandes categorias de compostos, a saber, os sequenciais, os simultâneos e um misto das duas categorias anteriores, que denominam simultâneo-sequenciais. Em relação aos compostos simultâneos, elas reportam que todos eles se constituem de classificadores ou apresentam, coproduzido a um sinal manual, um sinal não-manual lexical realizado pela boca.

Renato Guedes Filho e André Nogueira Xavier investigam os tipos de motivações subjacentes à formação do vocabulário zoológico da Libras. Para constituição de seu *corpus*, eles selecionaram todas as entradas que se referem a animais no dicionário de Português-Libras elaborado por Capovilla et al. (2017). Como resultado, os autores reportam que entre os sinais referentes a vertebrados, especialmente a mamíferos, houve uma alta incidência de itens lexicais articulados na cabeça quando comparados a sinais referentes a invertebrados, articulados majoritariamente no espaço neutro e no antebraço.

Os autores associam esses diferentes padrões, respectivamente, ao espaço do visualizador, empregado quando o sinalizante reproduz ações de outros seres animados por meio de movimentos de sua cabeça, braços e tronco, como se vistos de perto, e ao espaço diagramático, usado na sinalização para representar eventos observados a distância, logo, em uma escala menor (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007). Eles concluem que isso decorre da nossa experiência com mamíferos e insetos, bem como da maior facilidade de representar com partes do nosso corpo partes do corpo dos primeiros.

Carlos Roberto Ludwig analisa as articulações de orações relativas restritivas e explicativas na Libras. A pesquisa enfoca o uso de marcações não-manuais como uma estratégia para distinção da oração relativa da sentença matriz. As orações relativas têm a função de um adjunto do núcleo de um sintagma. A pesquisa foi realizada com dados do Inventário da Libras do Tocantins e com dados dos Surdos de Referência, do Corpus de Libras. Foi verificado que a Libras apresenta as marcações não-manuais como estratégia de articulações das sentenças relativas, diferentemente de outras línguas de sinais como a ASL e a DGS, que utilizam pronomes relativos específicos.

Já na seção livre *Língua Brasileira de Sinais*, reunimos trabalhos que exploram questões políticas, educacionais e relacionados à escrita da Libras. Precisamente, nesse grupo contamos com o artigo de Guilherme Gonçalves de Freitas, Mariângela Estelita Barros e Eliane Marquez da Fonseca Fernandes, que apresentam alguns elementos do sistema de escrita de sinais (ELiS) a partir da análise de produções de cartas-convite usando esse sistema. Essas produções foram coletadas por meio de uma atividade realizada em sala de aula e sua análise revelou aspectos de textualidade que colaboram com a construção de significados no texto em ELiS.

Em seu artigo, Lídia Silva faz uma reflexão sobre o ensino do mapeamento espacial no contexto das línguas de sinais para aprendizes ouvintes de Libras como segunda língua. Para isso, a autora apresenta a importância dos elementos desse mapeamento espacial na construção de sentidos e compreensão da mensagem e, fundamentada em Ellis (2006), propõe uma organização para essa temática em pequena e em larga escala, e discute o planejamento do tema a partir de uma metodologia de ensino baseado em tarefas.

Andrea Guimarães de Carvalho e Renata Garcia tratam da produção de dicionários e glossários de Libras como instrumentos complementares no ensino-aprendizagem dessa língua. Baseadas na análise de três dicionários, as autoras observaram a (i) não retratação/representação exata da produção dinâmica real

tridimensional dos sinais propostos em dois dos dicionários investigados, (ii) a falta de informações linguísticas (abordando macro e microestrutura) características de uma estrutura adequada mínima de um dicionário e (iii) o aumento de pesquisadores surdos e ouvintes na área de lexicologia resultando numa crescente produção de glossários virtuais favorecidos pelos avanços tecnológicos.

André Nogueira Xavier traz considerações importantes sobre educação de surdos, especificamente no que se refere ao ensino de conceitos abstratos considerando o ensino de biologia, física e química. O autor problematiza alguns mitos em relação às línguas de sinais que ainda estão presentes no imaginário de profissionais da educação. Para isso, o autor desfaz esses equívocos evidenciando algumas estratégias e processos linguísticos que são inerentes às línguas naturais na veiculação de conceitos dos mais diversos, incluindo os conceitos considerados abstratos. Mais adiante, o autor apresenta alguns recursos didáticos recomendados à educação de surdos que podem ser úteis não apenas no ensino de ciências naturais para surdos, mas também na educação dos demais estudantes.

Por fim, Luciane Cruz Silveira traça um percurso da emergência de pesquisas sobre línguas de sinais, a partir dos estudos de Lucinda Ferreira Brito sobre a língua de sinais kaapor brasileira (LSKB) e da, então, língua de sinais dos centros urbanos brasileiros (LSCB), bem como do reconhecimento legal da Libras no Brasil. A partir disso, a autora problematiza de que forma as políticas linguísticas, alicerçadas na legislação nacional, favorecem a difusão da Libras no país, com foco no ensino de Libras como segunda língua para ouvintes.

Fechamos este número com o trabalho de Neiva Aquino Albres que nos oferece não apenas uma tradução da poesia em Língua Brasileira de Sinais “O VOO SOBRE O RIO” da poetisa surda Fernanda Machado para a Língua Portuguesa escrita, mas também uma análise do seu processo de tradução, utilizando a metodologia da tradução comentada.

Referências

- AGUIAR, T. C. *Nova proposta de sílaba em Libras*. 2013. 102p. Dissertação (Mestrado Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, 2013.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. *Dicionário da língua de sinais do Brasil A Libras em suas Mãos*. Volume 1, 2 e 3. São Paulo, Edusp, 2017.

- CUNHA, K. M. M. B. *A estrutura silábica na língua brasileira de sinais*. 2011. 138p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Goiás, 2011.
- D'AZEVEDO, R. P. *Terminologia da Matemática em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário bilíngue Libras-Português*. (Dissertação). Mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística: Universidade de Brasília-UnB, 2019.
- ELLIS, R. The methodology of task-based teaching. *Asian EFL journal*, v 8, 3, p. 19-45, 2006.
- FELTEN, E. F. *Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história do Brasil*. 2016. 167 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na LIBRAS. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. *Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS*. Comunicação apresentada na Universidade de São Paulo. São Paulo: 2009. Disponibilizado, na forma de artigo, através do link: <http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/FIGUEIREDOSILVA-SELL.pdf>. Acesso em: 30/06/2015.
- JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. *Australian Sign Language (Auslan): An introduction to sign language linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RODERO-TAKAHIRA, A. G. Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 1, 2010, p. 262-276.
- TUXI, P. *A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Organização e de Registro de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilíngue*. (Tese) Doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística -PPGL da Universidade de Brasília. Brasília, 2017. 278 p.
- VALE, L. M. *A importância da Terminologia para atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário de sinais-termo do Processo Judicial Eletrônico*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução: Universidade de Brasília, 2018. 119 p.
- XAVIER, A. N. Análise preliminar de expressões não-manuais lexicais na Libras. *Revista Intercâmbio*, v. XL:41-66, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X.